A Origem da Obra de Arte, de Martin Heidegger — Ficha de leitura

12.º Ano | Filosofia | 4 páginas | 12 exercícios

Competências que desenvolve: leitura integral da obra — a crítica às conceções tradicionais (mimesis, forma/matéria, genialidade), a verdade como pôr-em-obra, a terra e o mundo, o exemplo do templo grego e a questão da técnica (Aprendizagens Essenciais, Organizador «Trabalho sobre cada uma das obras»).

Revisão rápida — *A Origem da Obra de Arte*

- **Contexto e forma:** conferências de 1935–36 — Heidegger parte de *«O que é a arte?»* e desloca a pergunta para *«de onde ela nasce?»*: a origem é o que dá origem, não a história cronológica.
- **Contra as conceções tradicionais:** nem imitação (*mimesis*), nem forma sobre matéria, nem obra como objeto de experiência estética (Kant, Schopenhauer).
- **A tese central:** a arte é *pôr-em-obra da verdade* — a verdade acontece como conflito (luta) entre mundo e terra.
- **Mundo e terra:** mundo é o horizonte de sentido aberto e decidível; terra é o fechamento que se retira e sustenta — nenhum existe sem o outro.
- **O exemplo e o fim:** o templo grego abre o mundo e firma a terra; mas a arte *própria* ameaça — daí a ligação à pergunta sobre a técnica.

Exercícios

1. V/F: a) A obra é de 1935–36, em forma de conferências → __ b) A origem pergunta a história cronológica da arte → __ c) Para Heidegger, a arte põe em obra a verdade → __ d) A mimesis é a conceção que ele assume → __

2. Completa: a) a pergunta desloca-se de «o que» para «de onde a arte __ » b) verdade acontece como __ entre mundo e terra c) mundo é o horizonte de __ ; terra é o __ d) o exemplo analisado é o __ grego.

3. Liga cada conceção à crítica de Heidegger: *mimesis* → __ · forma e matéria → __ · experiência estética (Kant/Schopenhauer) → __ (opções: a obra vira objeto do sujeito · reduz a arte a cópia do ente · esconde a verdade numa propriedade da coisa).

4. Contexto: escreve 2 linhas sobre a forma das conferências e a mudança de pergunta (de «o que é» para «de onde»).

© 2026 Estudantices

5. Reconstrói a tese: P1 (o que a arte faz com a verdade) __ P2 (entre que termos o faz) __ C: logo a arte é o pôr-em-obra da verdade como conflito de mundo e terra.

6. Completa o mapa: verdade → pôr-em-__ · conflito → luta entre __ e __ · mundo → sentido __ · terra → fechamento que se __ · obra → abertura e resistência.

7. Ordena o percurso do texto (1–5): __ a crítica das conceções tradicionais · __ o exemplo do templo grego · __ a deslocação da pergunta («de onde») · __ a ameaça da arte própria e a técnica · __ mundo e terra como conflito

8. Análise (o templo): «O templo não representa nada: abre, pela primeira vez, o que era corrente — pedra, morte, nascimento — e o reúne num todo de sentido.»
a) Tese: __ b) O que a arte faz ao material: __

© 2026 Estudantices

9. Confronto com o elenco: *A Origem da Obra de Arte* e *O Nascimento da Tragédia* — ambos põem a arte como revelação; comum e divergência (o que se revela: a verdade do ser e o conflito vs a afirmação da existência pela música).

10. Erro de leitura: «Para Heidegger, a beleza é a prova de que a arte é verdadeira.» Corrige — a ordem das relações segundo o texto (a beleza é o brilho da verdade a pôr-se em obra).

11. Produção: escolhe uma obra que conheças (quadro, música, edifício) e mostra onde está o mundo (que sentido ela abre) e onde a terra (que resiste e não se deixa esgotar) — 5–6 linhas.

12. Esboço de ensaio: «A arte revela algo que o conhecimento não alcança?» — tese com a obra, argumento (verdade como pôr-em-obra, não como correção), a objeção (a ciência também revela), a resposta e uma aplicação.

© 2026 Estudantices

Soluções — A Origem da Obra de Arte, de Martin Heidegger

1. a) V (conferências de 1935–36) b) F (a origem é o que dá origem — o acontecimento, não a cronologia) c) V d) F (critica-a: a arte não se esgota em cópia do ente).

2. a) nasce (origem) b) conflito (luta) c) sentido (aberto e decidível), fechamento que se retira (e sustenta) d) templo.

3. mimesis → reduz a arte a cópia do ente · forma/materia → esconde a verdade numa propriedade da coisa · experiência estética → a obra vira objeto do sujeito.

4. (modelo) Conferências (1935–36), depois reunidas em texto — a forma é deliberada: em vez de definir a arte por propriedades (beleza, expressão), Heidegger pergunta pela *origem*: o que faz com que a arte seja arte. A pergunta muda de nível — da classificação para o acontecimento.

5. P1: a arte não representa nem decora — ela põe em obra a verdade, faz a verdade acontecer como coisa P2: isso acontece no conflito entre mundo (abertura de sentido) e terra (fechamento que resiste) · C: logo a arte é o pôr-em-obra da verdade como conflito — a obra é o lugar onde a verdade se dá em luta.

6. obra · mundo, terra · aberto (e decidível), retira (e sustenta).

7. ordem: 1 a deslocação da pergunta · 2 a crítica das conceções tradicionais · 3 mundo e terra como conflito · 4 o exemplo do templo grego · 5 a ameaça da arte própria e a técnica.

8. a) tese: o templo não imita nada — é ele que abre a primeira vez o que era corrente (pedra, morte, nascimento) e o reúne num todo de sentido b) a arte não molda o material como meio: deixa a terra ser terra e, nessa resistência, o mundo se abre — o material não desaparece na forma: sustenta-a.

9. Comum: ambos recusam a arte como decoração ou cópia e fazem dela um modo de revelação — em ambos, a tragédia/templo não «representa»: abrem um campo onde a existência se torna legível. Divergência: o que se revela — em Nietzsche, a afirmação da existência face ao sofrimento (a força dionisíaca transfigurada); em Heidegger, a verdade do ser como conflito de mundo e terra (um acontecimento do ser, não uma reação do homem). Afirmação vital vs acontecimento ontológico.

10. Erra na ordem: a beleza não é prova nem critério da verdade — é o *brilho* (o resplandor) da verdade a pôr-se em obra. A verdade vem primeiro: a obra faz a verdade acontecer; a beleza é como isso se deixa ver. Não se começa pela beleza para chegar à verdade, nem se subordina uma à outra como etiqueta.

11. (modelo) Ex.: uma catedral gótica — mundo: abre o sentido de um povo (orientação, tempo, o sagrado e o profano convivem num só lugar); terra: a pedra, o peso, a altura que se impõem e não se deixam reduzir a ideia — quanto mais se olha, mais resiste. Nenhuma fotografia esgota a obra: é a terra que impede que o mundo se feche em conceito.

12. (modelo) Tese: sim — a arte revela o que o conhecimento, que corrige e calcula, não alcança: a verdade como acontecimento (o pôr-em-obra). Argumento: mundo e terra — a obra abre sentido e mantém o que resiste; o templo reúne o corrente num todo. Objeção: a ciência também revela (abre horizontes, corrige). Resposta: a ciência produz correção — verdade *sobre* entes, com método e resultado; a arte faz a verdade *acontecer* — dá-se como sentido habitável, não como resultado verificável. Aplicação: quando uma obra muda o vê-se de um país ou de uma época, não foi informada: foi aberto um mundo.

© 2026 Estudantices